

Fita pode reabrir investigação de assassinato

Denúncias contra Amazonino trazem novas pistas sobre morte de empresário em São Paulo

Diário Popular/21-3-93

Sandra Boccia

• SÃO PAULO. A promotora Eloísa de Sousa Arruda Mendes Damasceno, da 4ª Vara Cível de Pinheiros (SP), disse ontem que as denúncias publicadas ontem no GLOBO e no "Correio Braziliense" contra o governador Amazonino Mendes (PFL) podem causar uma reviravolta no processo sobre o assassinato do empresário Samek Marek Rosenski, em março de 1993. As revelações foram feitas pelo testa-de-ferro de Amazonino na Econcel (Empresa de Construção Civil e Elétrica), Fernando Bonfim. A morte de Rosenski é objeto de comentários na reunião gravada por Bonfim, à qual estavam presentes, além dele, Armando Mendes, filho do governador, Júlio Musca Cury e Alexandre Auad Neto.

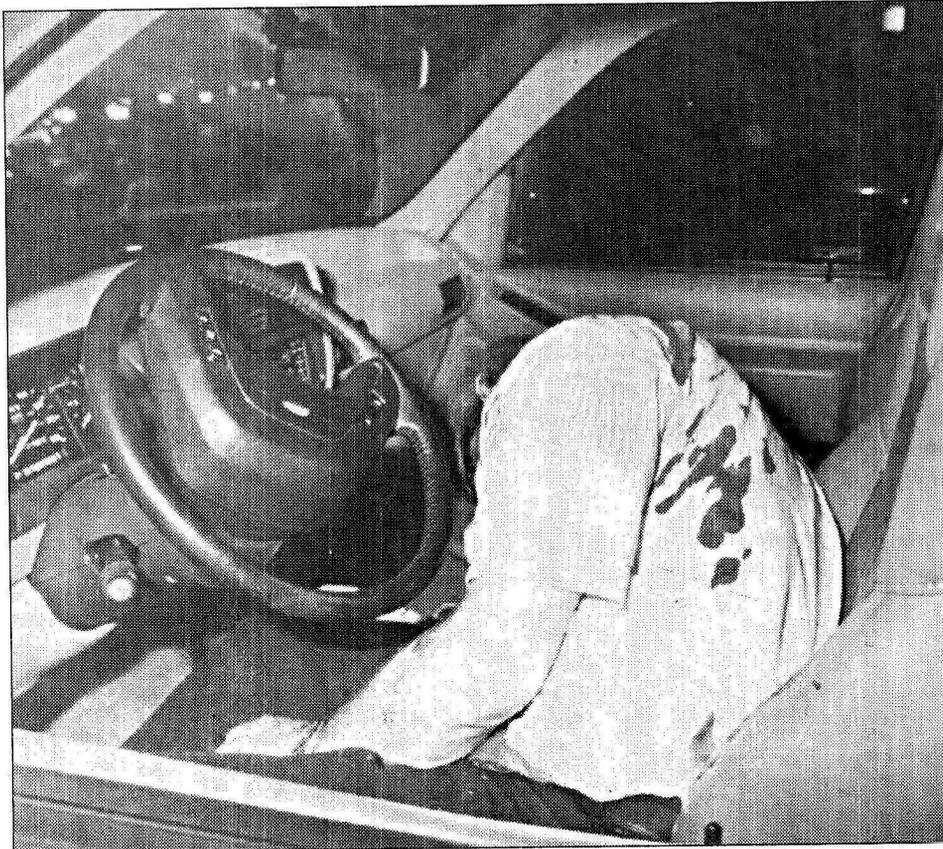
Existem indícios de que mandante do crime segue desconhecido

Embora quatro participantes do crime tenham sido condenados, um inquérito aberto paralelamente ao processo se arrasta há anos em busca dos mandantes do crime. Segundo a promotora, há indícios de que os assassinos foram contratados por outras pessoas.

— Acompanhei o caso desde o início e ficou claro que um dos condenados contratara os matadores. Mas não era o verdadeiro mandante do crime, não tinha vínculos diretos com a vítima e não teria motivos para matá-la. Sempre suspeitamos de que existia outro mandante, mas nunca provamos nada — disse.

Dono da fábrica de relógios Cosmos, instalada na Zona Franca de Manaus, Rosenski foi assassinado com um tiro na cabeça quando parou seu carro num cruzamento do bairro dos Jardins.

Na época, Rosenski planejava montar uma indústria de seringas descartáveis na Zona Franca. Num trecho da gravação, o filho do governador do Amazonas, Armando, fala de sua revolta contra a vítima que, supostamente, não qui-



O CORPO DO EMPRESÁRIO Samek Marek Rosenki no carro em que foi assassinado

sera compactuar com seus negócios escusos. Segundo Armando, a notícia da morte lhe foi dada por um de seus sócios, que estava em São Paulo. Armando diz: "(...) Quem encontrou o corpo dele foi um segurança meu em São Paulo (...) Foi o primeiro cara que pegou as coisas no carro e na agenda o primeiro nome que viu foi o de Amazonino, do papai, e aí viu o meu (...) tentou me localizar (...) eu já estava num hotel em Viena (...) O cara me falou, Armando, olha, assassinaram uma pessoa. Quando me falou assassinaram já me veio na cabeça o nome (...) e meu sócio, que estava lá, falou: Armando, vou comprar champanhe".

Foi aberto novo inquérito porque um oficial de justiça flagrou Samuel Wolss-

dors (que contratara os assassinos Luiz Fernando Pereira Barbosa, Henrique César Teixeira Pinto e José Geraldo Nazareh, condenados a 14 anos de prisão) passando um bilhete para o empresário Hiel Siegel, sócio de Rosenski na época, durante o julgamento dos acusados. Mas nada foi provado contra ele.

Amigo de Rosenski, o rabino Henri Sobel, da Congregação Israelita Paulista, disse ontem que a gravação deve ser considerada na investigação do crime.

— É um fato novo da maior gravidade e justifica novas investigações. ■

• ALMINO RENUNCIA À RELATORIA DO CASO DA COMPRA DE VOTOS E PEDE CRIAÇÃO DE CPI na página 4